

DESAFIOS DA INFORMAÇÃO FRENTE A *FAKE NEWS* EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS

E-mail:
nelma.araujo@ichca.ufal.br
francisca.mota@ichca.ufal.br
cayomadson@gmail.com

Nelma Camelo Araujo¹, Francisca Rosaline Leite Mota², Cayo Madson Borges Silva de Oliveira³

RESUMO

A doença causada pelo novo coronavírus 2019 (COVID-19) é a primeira pandemia na história, na qual tecnologias e redes sociais estão sendo usadas em larga escala para tornar as pessoas produtivas e mantendo-as seguras. Mas na contramão dessa afirmação, existe também a disseminação de notícias falsas, aquelas denominadas *fake news*. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo geral estudar a disseminação de *fake news* em meio a pandemia do coronavírus. Os objetivos específicos são: a) identificar sites que se dedicam a desmentir as notícias falsas; b) verificar o tipo de apresentação das informações checadas; c) analisar o cunho das informações veiculadas e checadas e; d) averiguar se os sites fazem menção às fontes de informação que validam ou não o que foi veiculado. A natureza da pesquisa é qualitativa e a análise de conteúdo foi a técnica definida para o tratamento dos dados coletados. Assim, para este estudo foram analisadas informações sobre coronavírus em três sites destinados a checagem de informações suspeitas de serem *fake news*: Fato ou Fake, E-Farsa e Boatos.org. Os resultados demonstram que existe disseminação de *fake news* em diversos sites na internet, prejudicando a população no esclarecimento adequado sobre a doença, propagação e prevenção do coronavírus.

Palavras-chave: Fake News-Site. Pandemia-Coronavírus. Ciência da Informação.

ABSTRACT

The disease caused by the new coronavirus 2019 (COVID-19) is the first pandemic in history, in which technologies and social networks are being used on a large scale to make people productive and keep them safe. However, against that statement, there is also the spread of fake news, the so-called fake news. In this sense, the present work has as general objective, to study the spread of fake news in the middle of the coronavirus pandemic. The specific objectives are: a) to identify sites that are dedicated to denying false news; b) verify the type of presentation of the information checked; c) analyze the nature of the information conveyed and checked and; d) find out if the sites mention the sources of information that validate or not what was published. The nature of the research is qualitative and content analysis was the technique defined for the treatment of the collected data. Thus, for this study, information on coronavirus was analyzed on three sites designed to check information suspected of being fake news: Fato or Fake, E-Farsa and Boatos.org. The results demonstrate that there is a spread of fake news on several sites on the internet, harming the population in providing adequate information about the disease, spread and prevention of the coronavirus.

Keywords: Fake News-Site. Pandemic-Coronavirus. Information Science.

¹ Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL. Brasil. <http://orcid.org/0000-0002-4892-7484>

² Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL. Brasil.

³ Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL. Brasil.

1 INTRODUÇÃO

O avanço da tecnologia reconstituiu uma nova maneira de pensar as interações sociais. No que tange a busca de informação coletiva da sociedade, as redes sociais se configuram como essenciais para troca, alimentação e disseminação de informações, mas esse mesmo ambiente tecnológico pode ser também uma fonte de disseminação de informações falsas ou meias verdades, e ainda pode-se considerar, em alguns casos como fonte de manipulação política, a exemplo dos robôs.

A transformação constante das novas mídias e a aparição diária de novas ferramentas que facilitam o envio de informações, local e globalmente, possibilitou a criação de novos paradigmas com a informação como forma de notícia.

Embora a evolução tecnológica já estivesse caminhando para um novo propósito, os veículos de comunicação tradicionais retardaram suas entradas na rede de computadores, limitaram as primeiras páginas da internet a serem reprodutoras dos conteúdos dos meios tradicionais, realizando uma comunicação tradicional em um ambiente novo e de inúmeras possibilidades.

Diante da situação de confinamento imposto a sociedade global como forma de preservação da vida dos cidadãos em detrimento da disseminação do vírus denominado coronavírus, os meios de informação tecnológicos têm se tornado não só canais de aquisição e disseminação de informações, mas também o formato mais adequado para interação entre os indivíduos.

O coronavírus pertence a uma grande família de vírus que causam infecções respiratórias distribuídos globalmente e são encontrados em humanos, mamíferos e aves. São vírus de RNA envelopados classificados nos gêneros alfa, beta e gama. Até um terço das infecções leves do trato respiratório superior em adultos são causadas por coronavírus humanos. O beta-coronavírus da síndrome respiratória aguda grave (SARS) zoonótica (SARS-CoV) causou o surto de SARS em 2003, quando mais de 900 pessoas morreram. Os coronavírus humanos são transmitidos através do contato direto com secreções e através de gotículas de aerossol. Os pacientes infectados também excretam vírus nas fezes e na urina e, sob certas circunstâncias, a transmissão aérea pode ocorrer a partir de secreções respiratórias em aerossol e material fecal. (DANIELSSON, 2012, p.1, Tradução Nossa)

Percebe-se que antes da *pandemia* do COVID-19 (termo utilizado pela Organização Mundial da Saúde – OMS), o vírus já existia, e as pesquisas sobre as causas e consequências nos seres humanos estavam em andamento, pois a ciência está sempre procurando se antecipar as consequências de uma doença que venha a atingir um grande número de pessoas, por meio de incentivo da própria OMS.

A OMS declarou oficialmente o COVID-19 como pandemia em 11 de março de 2020, quando vários países já haviam sido afetados e o número de mortes decorrentes da doença já era bastante expressivo no mundo todo. É importante esclarecer que:

A definição de pandemia não depende de um número específico de casos. Considera-se que uma doença infecciosa atingiu esse patamar quando afeta um número de pessoas espalhadas pelo mundo. A OMS evita usar o termo com

frequência para não causar pânico ou uma sensação de que nada pode ser feito para controlar a enfermidade (OMS, 2020, p.1)

A doença causada pelo novo coronavírus 2019 (COVID-19) é a primeira pandemia na história, na qual tecnologias e redes sociais estão sendo usadas em larga escala para tornar as pessoas produtivas e mantendo-as seguras. (OMS, 2020, p.3). Deste modo, o uso das tecnologias contribui para preservar o distanciamento físico e conecta/aproxima virtualmente todas as pessoas, seja em relação às atividades laborais ou outras relações sociais e familiares.

Frente a atual conjuntura, o texto possui o objetivo geral de estudar a disseminação de *Fake News* em meio a pandemia do coronavírus. Os objetivos específicos são identificar sites que se dedicam a desmentir as notícias falsas; verificar o tipo de apresentação das informações checadas; analisar o cunho das informações veiculadas e checadas; averiguar se os sites fazem menção às fontes de informação que validam ou não o que foi veiculado.

Chama atenção para a disponibilidade de páginas jornalísticas que se encarregam de checar as notícias veiculadas e identificar a veracidade delas. Traz a discussão das *Fake News* e reforça que este tipo de informações é disseminada visando produzir insegurança na sociedade, manipulação de dados e, ainda, promover os falsos pesquisadores da área da saúde.

2 O CORONAVÍRUS, A CHINA E AS FAKES – NEWS

O novo Coronavírus foi identificado em primeiro de dezembro de 2019, pelo médico oftalmologista Li Wenliang, do Hospital Central de Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China. A organização Mundial da Saúde (OMS) somente se pronunciou no dia 30 de dezembro de 2019, pensando em se tratar de um surto de pneumonia. Infelizmente, o primeiro caso da doença só foi comunicado ao mundo em 31 de dezembro do mesmo ano.

Desde dezembro de 2019, Wuhan, China, experimentou um surto da doença de coronavírus 2019 (COVID-19), causada pela síndrome respiratória aguda grave coronavírus 2 (SARS-CoV-2). As características epidemiológicas e clínicas dos pacientes com COVID-19 foram relatadas, mas os fatores de risco para mortalidade e um curso clínico detalhado da doença, incluindo derramamento viral, não foram bem descritos (ZHOU, 2020, p. 1054, Tradução Nossa).

Quando Li Wenliang tomou ciência que existiam sete casos de infecção grave no Hospital Central de Wuhan, enviou mensagens aos colegas médicos alertando sobre a situação e um possível surto de coronavírus, em seguida pediu que tomassem cuidado. Após o envio das mensagens, Wenliang foi intimado pela polícia e obrigado a assinar uma carta de reprimenda de perturbação da ordem social. As autoridades da China tentaram ocultar a informação com o suposto objetivo de manter a situação sob controle.

Com o vazamento da notícia de um novo vírus altamente contagioso e exposto à pressão mundial, o presidente chinês Xi Jinping declarou uma guerra popular para conter o novo coronavírus. A decisão equivocada do presidente chinês de acobertar um novo surto de grandes proporções se dá, supostamente, pelo fato da China ser o país de origem de várias outras doenças que atingiram o mundo em larga escala. A exemplo, da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), em 2002, que contaminou países da América do Sul e Norte, Europa e Ásia, onde mais de 8 mil pessoas foram infectadas, com 10% de taxa de mortalidade.

No começo de 2020 o mundo se encontra em estado de pandemia, milhares de pessoas infectadas e mortas por causa do novo coronavírus ou COVID – 19. O que poderia ter sido feito para que esse momento fosse evitado? Quase nada, mas uma coisa poderia ter sido clara e evidente, a comunicação.

Se a República Popular da China tivesse assumido a existência de uma nova doença contagiosa, à época de sua descoberta possibilitaria aos demais países acometidos pelo vírus a condição de se prepararem melhor para o enfrentamento da doença. Pois, o fato de o país mais populoso do mundo esconder de seu povo, da OMS e demais governos uma nova doença respiratória, foi um dos principais motivadores para o surgimento da primeira *fake news*, qual seja, a de que o Coronavírus não existia. Por que esconder de todo o mundo uma nova pandemia? Essa pergunta recai sobre a validação da credibilidade do país perante as outras grandes potências mundiais.

Desde a última Revolução Chinesa, em 1949, a China está em constante evolução e essa caminhada histórica tornou o país a segunda potência mundial com grande probabilidade de se tornar a maior potência econômica do planeta em poucos anos. Todo esse crescimento já foi abalado algumas vezes, em 2002-2003 a China viu sua economia cair com a propagação da SARS e sua credibilidade internacional despencou de tal forma que afetou relações de mercado das quais o país precisava para continuar crescendo.

Dezessete anos depois uma nova crise mundial ameaça novamente a credibilidade da China. Assim, com a perspectiva de uma nova retaliação econômica o país tenta resolver de forma interna, sem muita eficácia, a nova crise mundial de saúde.

Os céticos tendem a acreditar em teorias da conspiração que fomentam as *fakes news*, de forma que ocorre uma retroalimentação na disseminação de informações falsas que criam um estado cíclico de histórias que desinformam e causam pânico na população. Uma dessas teorias é que a própria China teria criado o COVID-19 e espalhado pela província de Wuhan, a fim de testar o novo vírus para depois produzirem uma nova vacina que combateria a doença e renderia bilhões ao governo chinês.

E todo este cenário tende a fomentar as “*Fake news*” que é o termo em inglês cunhado para designar notícias falsas, construído para representar quando algum conteúdo que possua origem duvidosa. Antes do advento da internet as fakes-news eram veiculadas nos jornais impressos ou televisivos, conhecida como imprensa marrom, que distribuía de forma deliberada boatos.

Com o avanço da tecnologia, da propagação da internet pelo mundo e o aumento da sua acessibilidade, desde os grandes centros até os subúrbios, a sociedade passou a ter um meio de comunicação instantâneo, com força para disseminar informação e conteúdo em grande escala.

O surgimento de notícias falsas destaca a erosão de baluartes institucionais de longa data contra desinformação na era da internet. A preocupação com o problema é global. No entanto, muito permanece desconhecido sobre as vulnerabilidades de indivíduos, instituições e sociedade às manipulações de atores maliciosos. É necessário um novo sistema de salvaguardas (LAZER, 2018).

Dessa forma, as sociedades, comunidades, grupos, subgrupos, ilhas culturais que se encontravam isoladas pela falta de alcance da tecnologia passaram a se comunicar. Atualmente, é comum conhecer outro país sem sair de casa, porém quando abrimos as portas para a entrada da

tecnologia que digamos ser positiva, também abrimos as portas para o ‘submundo’ das *fakes-news* ou até o submundo da internet, a *DeepWeb*.

Cada ser humano portador de um aparelho celular, *tablet*, *notebook* ou computador conectado à rede mundial de computadores é um criador de conteúdo em potencial que de forma independente pode ser um formador de opinião ou criador de *fake-news*.

Devemos entender que, por mais que a tecnologia avance e torne o planeta mais sensível aos desejos do homem, a ideia fundamental é que sempre irá existir um produto a ser vendido, mas quando não houver produto?

No início dos anos 2000, o crescimento das notícias on-line levou a um novo conjunto preocupações, entre elas que o excesso de diversidade de pontos de vista facilitaria para cidadãos com a mesma opinião formarem "câmaras de eco" ou "bolhas de filtro" onde seriam isolados de perspectivas contrárias. Mais recentemente, o foco de preocupação mudou para as mídias sociais. Mídia social são plataformas, a exemplo, o Facebook, tendo uma estrutura diferente das anteriores tecnologias de mídia. O conteúdo pode ser retransmitido entre usuários sem filtragem, sem verificação de fatos ou julgamento editorial. Um usuário individual sem o histórico ou a reputação podem, em alguns casos, atingir tantos leitores quanto produtores formais de informação (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 212, Tradução Nossa).

Existe uma máxima nos meios informacionais, quando uma empresa oferece algo gratuitamente ela não está sendo ‘boazinha’, ela está querendo algo muito mais valioso que também será dado a ela de forma gratuita, seus dados, pois no final das contas o produto a ser vendido será o sujeito.

Isto pôde ser visto na prática nas últimas eleições para o governo dos Estados Unidos, em 2016, quando o escândalo entre a empresa inglesa Cambridge Analytica e a rede social Facebook, onde 240 milhões de pessoas tiveram suas informações pessoais hackeadas para criar perfis com direcionamento político e influenciar as eleições americanas. Essa história é contada no filme *Privacidade Hackeada*, produzida pela empresa de streaming Netflix.

Após a eleição de 2016, uma preocupação específica foi o efeito das “notícias falsas”, circulavam nas mídias sociais. As evidências mostram que: 1) 62% dos adultos norte-americanos recebem notícias nas mídias sociais; 2) as notícias falsas mais populares foram mais amplamente compartilhadas no Facebook do que as notícias populares mais populares 3) muitas pessoas que veem notícias falsas relatam acreditar nelas; e 4) as notícias falsas mais discutidas tendem a favorecer Donald Trump sobre Hillary Clinton. Juntando esses fatos, vários comentaristas sugeriram que Donald Trump não teria sido eleito presidente se não fosse pela influência de notícias falsas (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 213, Tradução Nossa).

O que se pode extrair desse contexto é que as redes sociais não cumprem mais o propósito para a qual foram criadas, pelo menos não de forma espontânea. Perfis falsos são criados todos os dias para contar ou recontar fatos de acordo com a versão que se deseja veicular, sendo propagadas sem nenhum comprometimento com a verdade ou apuração dos fatos.

Com títulos sensacionalistas e imagens provocativas, conhecidos como *clickbait*, essas notícias instigam a curiosidade do público ao qual foi destinado, que por concordar com o pensamento produzido pela notícia a compartilha instantaneamente, aumentando o alcance da reprodução do conteúdo, induzindo mais pessoas a continuarem o processo de compartilhamento.

Notícias falsas, histórias fabricadas, boatos, manchetes que são isco de cliques (as chamadas *clickbaits*) não são novidade. Darnton (2017) relembra o surgimento dos pasquins, na Itália do século XVI, que se transformaram em um meio para difundir notícias desagradáveis, em sua maioria falsas, sobre personagens públicos. Também recorda o surgimento dos Canards, gazetas com falsas notícias que circularam em Paris a partir do século XVII (DELMAZO; VALENTE, 2018, p.156).

Mesmo com a propagação em massa de notícias falsas, é possível realizar o caminho inverso e rastrear o ponto de origem da notícia. A exemplo do filme, *Privacidade Hackeada*, percebemos que existem empresas que estão sendo criadas com esse objetivo, um nicho muito procurado por pessoas com interesses políticos ou empresas que exploram o meio ambiente.

Essas empresas tornam a investigação sobre as *fake news* um pouco mais difícil pelas polícias federais do mundo inteiro, mas não é um caso sem solução. Daí a necessidade de existirem profissionais que contribuam para o esclarecimento dos fatos e a disseminação de informações verídicas. É sobre o papel dos profissionais da Ciência da Informação que tratará a sessão a seguir.

3 O PAPEL DO PROFISSIONAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O profissional que trabalha com a ciência da informação está preocupado com a coleta de dados, onde eles são gerados, como serão armazenados, se poderão ser recuperados e como será a disseminação dessa informação.

O conceito de informação tem sofrido mudanças diárias desde sua valorização após as guerras do século XX. A Ciência da Informação — ciência interdisciplinar, cujas origens vertem da revolução técnico-científica do pós-guerra —, vem caminhando lado a lado na evolução histórica da informação e das tecnologias. Do pós-guerra às fake News, a disseminação da informação vem passando por mudanças drásticas. Cartas, telegramas, e-mails, ligações telefônicas, troca de mensagens via Whatsapp, uma gama de vetores tecnológicos envolvidos e um profissional, em meio a poucas profissões, capaz de lidar com tais variações (OLIVEIRA, 2018, p.2).

Partindo desses pressupostos podemos avaliar que este profissional tem como principal objetivo provocar um esforço intelectual em público alvo, a fim de que este consiga acompanhar por meio da informação o percurso feito pelo conteúdo, desde sua origem (que se iniciou com uma pesquisa), técnicas de abordagem (coleta da informação), análise do conteúdo (filtrar o que é verdade e o que é fictício), propositura do conteúdo (de que forma será transmitido, para que se perceba a veracidade dos fatos), recepção da informação pelo público.

Deparamo-nos na atualidade com o conhecimento interativo e o paradigma social da CI, onde os sujeitos estão imersos em ambientes sóciotecnológicos com diversas formas de linguagem e rápida disseminação de informações. Em tempos de pós-verdade e fake news, o paradigma social precisa conviver com as novas ferramentas tecnológicas, com a explosão informacional e as mídias sociais, sendo que é necessário que a sociedade saiba filtrar e apurar a veracidade das fontes, para que se possa fazer bom uso de toda informação (TOBIAS; CORREIA, 2019, p.565).

A ideia de receptor seria a última parte da estrutura da comunicação informacional mudou com o passar do tempo, principalmente com o advento da internet, como já citamos neste artigo que cada ser humano ligado à rede mundial de computadores é um produtor de conteúdo em potencial ou replicador de informação, podendo essa informação ser verdadeira ou falsa.

A comunicação pode ser classificada de duas formas, formal e informal. Partindo da premissa que toda informação para ser verdadeira ela deve se originar de uma comunicação formal, que possui como característica a veiculação em livros, artigos de periódicos, jornais e revistas.

Para Grogan (1992, p.25) os documentos ou fontes de informação podem apresentar-se em três categorias distintas:

1. documentos ou fontes primárias - são aqueles que discutem ideias novas, novas interpretações sobre acontecimentos importantes ou novos registros com a interferência direto do autor. São fontes que apresentam a dificuldade de acesso porque estão dispersas e praticamente fora do sistema de controle bibliográfico.
2. documentos ou fontes secundárias - documentos organizados de acordo com um arranjo definido, podendo ser arranjo alfabético, cronológico ou sistemático que contêm informações filtradas, organizadas e retiradas das fontes primárias. São exemplos os dicionários e as enciclopédias.
3. documentos ou fontes terciárias - não apresentam conhecimento, são na verdade guias, direcionadores, sinalizadores para a localização de informação contida nas fontes primárias e secundárias. Os catálogos, diretórios, bibliografias são exemplos dessa categoria.

As categorias apontadas por Grogan avaliam a informação com base científica. Pesquisadores da comunicação como ciência estão reavaliando alguns desses conceitos como canais de informação, visto que o avanço da tecnologia de comunicação tem levantado questionamentos sobre alguns desses conceitos.

Podemos identificar que existem duas correntes atuando em sincronia, caminhando em busca verdade por meio da comunicação, mas usando bases informacionais distintas. Uma se utiliza da busca por fatos para a construção de notícias cotidianas, que busquem informar e construir a opinião popular. A outra se baseia na ciência, em bases irrefutáveis de informação que possam servir sustentáculo de construções informacionais futuras. Ambas sofrem com o advento da internet e com a renovação constante das novas tecnologias que modificam e atualizam a forma de nos comunicarmos todos os dias.

Tomando como referência o ano de 2020, há 20 anos atrás, dependíamos de instrumentos tecnológicos isolados, hoje, o celular ou tablet já concentram em sua estrutura tecnologia para viabilizar diversas ferramentas em um único local. A comunicação como meio de informação se

transformou, mas permaneceu estagnada dentro dos moldes que os meios de comunicação existentes propunham.

Enquanto a informação tentava domar as tecnologias que surgiam, acontecia simultaneamente um crescimento exponencial de aparelhos que utilizassem a internet, aderindo ao conceito de que para ser do mundo é necessário estar conectado.

Se olharmos rapidamente para nossos lares perceberemos que quase todos os aparelhos eletrônicos estão conectados à internet, o nível de consumo de informação possui números elevados e a pergunta que fazemos neste é: Quem está produzindo essa informação?

Nos dias atuais (2020) nos encontramos em um filme de faroeste digital, notícias sensacionalistas, pesquisas científicas com dados infundados, frases descontextualizadas, além dos famosos memes.

Toda essa profusão de informação possui o único objetivo, o de confundir e polarizar um determinado público sobre algum tema que necessita de um olhar minucioso, uma investigação mais detalhada, um posicionamento neutro sobre o assunto e que busque mostrar todos pontos a favor e contra.

O parágrafo anterior explica o papel dos veículos de comunicação, que buscam apurar os fatos com o máximo de riqueza de detalhes, ouvir pessoas que possuam credibilidade sobre o tema debatido e que tenham posicionamentos determinantes, passar o fato ocorrido de forma imparcial permitindo que o público faça sua própria análise, agregando valor ao trabalho ao passar a imagem de uma fonte confiável de informação.

Diante da enorme proliferação de conteúdos de origem duvidosa, a grande mídia iniciou um novo eixo no papel de informar. Os veículos passaram a investigar as informações que circulam com grande intensidade na internet, a fim de viabilizar ao seu público o que é verdadeiro e o que é falso, ajudando na disseminação do conteúdo verídico.

4 METODOLOGIA

A natureza da pesquisa é qualitativa e a análise de conteúdo foi a técnica definida para o tratamento dos dados coletados.

A amostra foi intencional pois conforme, bem enfatizam, Fragoso, Recuero e Amaral (2013, p.95) há muita dificuldade de recortar uma amostra na internet devida a sua escala, heterogeneidade e dinamismo. Assim, para este estudo foram analisados três sites destinados a checagem de informações suspeitas de serem *fake news*:

Fato ou Fake - Criado pelo grupo Globo, Fato ou Fake faz a apuração de notícias falsas com uma equipe composta por jornalistas que trabalham em veículos como Época, Extra, G1, CBN, Época, Extra, TV Globo, GloboNews, Jornal O Globo e Valor Econômico. Este site é responsável por verificar notícias muito compartilhadas de assuntos gerais. As denúncias de notícia falsa podem ser feitas via página do Facebook do Fato ou Fake, ou por mensagem para o WhatsApp, através do número (21) 97305-9827.

E-Farsas - Lançado em 2001, o E-Farsas é um dos sites de checagem de notícias mais antigo que foi criado. O site é responsável por avaliar boatos que são espalhados diariamente pela internet.

Após a avaliação, um post é feito para que as pessoas possam ter acesso ao conteúdo. Para mandar uma sugestão de notícia para o site, basta apenas ir na aba de Contato do site.

Boatos.org - Site criado pelo jornalista Edgard Matsuki que possui o objetivo de reunir um conjunto de mentiras que são disseminadas online. Conforme seu criador, o objetivo do site boatos.org é “justamente prestar um serviço para o usuário da internet”.

Devido ao quantitativo das informações disponibilizadas, optou-se por realizar uma amostra com as 50 (cinquenta) últimas informações checadas por cada site até a data de 30 de abril de 2020. Contudo, no que se refere ao site E-farsa só foi possível identificar um total de 37 (trinta e sete) publicações relacionadas à Pandemia do Coronavírus (COVID-19).

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente do total de 137 (cento e trinta e sete) informações checadas buscou-se identificar qual o percentual das consideradas como verdade ou mentira. A tabela 01 apresenta os resultados obtidos:

Tabela 1 – Quantitativo de informações verdadeiras e falsas checadas sobre a Pandemia de COVID-19

SITE	VERDADE	MENTIRA	INDETERMINADO	QUANTIDADE
Fato ou Fake	00 (0%)	50 (100%)	00 (0%)	50 (100%)
E-Farsa	01 (3%)	35 (94%)	01 (3%)	37(100%)
Boatos.org	00 (0%)	50 (100%)	00 (0%)	50 (100%)

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Vale destacar que o site E-farsa utiliza a nomenclatura “indeterminado” para as notícias que não conseguiu comprovar um posicionamento verdadeiro ou falso. O blog noticiou uma única notícia como indeterminada no período analisado (JAN-ABRIL/2020).

O site “Fato ou Fake” utiliza a nomenclatura “não é bem assim” para quando não conseguir caracterizar uma notícia como verdadeira ou falsa, que possui exagero ou está incompleta, exigindo um esclarecimento.

O sítio eletrônico E-farsa foi o único a apresentar uma notícia considerada verdadeira, de acordo com sua editoria.

O portal Boatos.org se destaca, entre os três blogs, por desmistificar as histórias que surgiram desde as primeiras notícias do vírus na China, possuindo o maior acervo de conteúdo sobre a pandemia do coronavírus. O fluxo de notícia é grande o suficiente para se ter uma editoria voltada exclusivamente ao tema.

A pesquisa buscou verificar qual o tipo de apresentação das informações checadas, ou seja, em qual formato as informações são veiculadas. Os resultados foram os seguintes:

Tabela 02 – Tipo de apresentação das informações checadas

SITE	TIPO			
	vídeo	áudio	mensagem de texto (SMS e WhatsApp)	outro
Fato ou Fake	18 (36%)	0 (0%)	18 (36%)	14 (28%)
E-Farsa	03 (8%)	01 (3%)	06 (18%)	27 (71%)
Boatos.org	08 (16%)	01 (2%)	21 (42%)	20 (40%)
Total	29 (21%)	2 (1%)	45 (33%)	61 (45%)

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

As mensagens de texto geralmente são as produzidas de modo mais rápido pois, muitas vezes, necessitam somente da opinião de quem originou a informação ou a combinação de fragmentos textuais que possuem o intuito de confundir o leitor, buscando convencer com argumentos aparentemente científicos ou consubstanciais. Os emissores das mensagens usam de temas sensacionalistas em seus títulos ou nos parágrafos iniciais para viralizar conteúdos incoerentes, que com uma simples análise é possível identificar a propagação de informações exageradas ou falsas.

Os vídeos necessitam de maior elaboração e conhecimento mínimo de tecnologias de edição, quando enviados em conjunto com um texto é provável que um ou outro esteja fora de contexto. Mesmo assim, no cômputo geral, é o terceiro que mais se destaca. Os áudios, por sua vez, ficaram em último lugar. Provavelmente pelo fato de que a identificação da origem da *Fake News* pode ser mais rápida.

A categoria ‘outro’ aglutina fotos, recortes de jornais e revistas, e postagens feitas em redes sociais como Facebook e Twitter. Este último exemplo possui uma característica peculiar, as postagens fora de contexto, pois são facilmente manipuláveis, seja por uma edição fotográfica ou por inserir publicação (*post*) de um período anterior em um conteúdo atual com o objetivo de provocar um público alvo, contrariar ou ironizar alguém, e por fim injuriar/caluniar uma pessoa ou instituição.

Uma outra preocupação foi identificar qual o cunho das informações veiculadas. Os resultados foram os seguintes:

Tabela 03 – Cunho das informações checadas

SITE	CUNHO				
	político	saúde	econômico	acadêmico	outro
Fato ou Fake	13 (26%)	16 (32%)	03 (6%)	02(4%)	16 (32%)
E-Farsa	10 (26%)	12 (32%)	00(0%)	02 (5%)	14 (37%)
Boatos.org	12 (24%)	16 (32%)	03 (6%)	01 (2%)	18 (36%)
Total	35 (26%)	44 (32%)	06 (4%)	05 (3%)	47 (34%)

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

As *fakes news* de cunho político possuem o intuito de desnortear o receptor da informação. O leitor, neste caso, é um cidadão que não possui domínio completo da temática, tornando-se o público alvo ideal para ser direcionado propositalmente a gerir um pensamento coletivo. Ao mesmo tempo em que o país passa por um momento de autoconhecimento, o cidadão brasileiro passou a ser uma pessoa mais participativa no debate político, mas não se tornou pensador político, apenas reproduzem o que a classe política manifesta. A velocidade da propagação da desinformação baseada na falta de interesse no debate político intelectual são pontos dominantes para a manipulação social.

As notícias de cunho político, em grande parte, tendem a desqualificar ou enaltecer figuras políticas como governadores, deputados, senadores, presidente e instituições, a exemplo do trecho a seguir:

Quadro 1 - É #FAKE que texto atribuído ao jornalista Alexandre Garcia que diz Doria e Witzel são dois patetas

*“É o que temos para hoje...
[...] O povo perdeu a capacidade de raciocínio. LÓGICO QUE O ISOLAMENTO É IMPORTANTE. Seu avô, aposentado, de 90 anos, não tem que estar na rua. Nem seu pai infartado, nem sua mãe diabética. Ninguém quer matar a sua família. Relaxa! Só que o isolamento NÃO DEVE SER FEITO como foi feito no Brasil. Simplesmente porque, aqui, tudo começou com a LECAGEM de Dória e Witzel, querendo passar na frente e escredibilizar o Presidente. Não teve preparo prévio; não teve plano de ação. Fecharam tudo, sem que a população tivesse tempo de se organizar; sem planejar o funcionamento dos serviços essenciais. Quem acredita que o Governo Federal está despreparado é um alienado. [...]”
(GARCIA, Alexandre)*

Fonte: <https://www.boatos.org/politica/alexandre-garcia-diz-que-a-pandemia-descobriu-dois-patetas-doria-e-witzel-boato.html>

No que tange a disponibilidade de informações em saúde é perceptível o esforço dos órgãos públicos federal, estadual e municipal em evidenciar o que é real e está fundamentado tecnicamente, por meio dos avanços nas pesquisas feitas no Brasil e no mundo, das propagações de *fake news* que surgem todos os dias. Com o intuito de elucidar a população mundial sobre o que é verdade em torno da pandemia do novo coronavírus, há também um esforço por parte da grande mídia e sites de pesquisa, a exemplo do Google, que colocaram em seus buscadores ‘filtros’ nas palavras de busca, onde apresentam ao leitor sítios eletrônicos com boa reputação para evitar o grande fluxo de pesquisas por notícias falsas, boatos, *hoax*⁴, *phishing*⁵, etc.

Quadro 2 - É #FAKE que ministro da saúde faz auditoria dos números de mortes de Covid-19

“Circulam nas redes sociais cartazes que dizem que o ministro da Saúde, Nelson Teich, está auditando todos os números divulgados pelos estados sobre a Covid-19 e que, em razão disso, “os números de São Paulo começaram a cair como mágica” e “a Globo parou de divulgar os números de óbitos”. É #FAKE. O Ministério da Saúde nega que exista uma auditoria. Em nota, o órgão informa que “os registros de casos e óbitos com confirmação de Covid-19 são reportados pelas secretarias estaduais e municipais de Saúde, levando-se em conta o número de pacientes hospitalizados e óbitos registrados no Sistema de Vigilância Epidemiológica da Gripe (SIVEP Gripe) e o número de exames positivos de Covid-19 em casos leves”.

O ministério ressalta ainda que esses dados são repassados diariamente para equipes técnicas do Ministério da Saúde e divulgados por meio do portal covid.saude.gov.br.

Também não é possível dizer que os números de São Paulo começaram a cair. Na quinta-feira (23), o estado bateu recorde, com 211 novas mortes em 24 horas e, apesar de oscilações pontuais, a curva permanece ascendente. Já o número de casos tem variado bastante, mas não há uma tendência de queda. A Globo também não parou de divulgar os números de óbitos. Isso é feito todos os dias nos telejornais. Além de reportagens diárias sobre os boletins do Ministério da Saúde, o G1 tem ainda um mapa exclusivo com dados por município.”

Fonte: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/04/24/e-fake-que-ministro-da-saude-faz-auditoria-dos-numeros-de-casos-e-mortes-de-covid-19.ghtml>

Já as informações de cunho econômico, em sua maioria, estão relacionadas aos decretos de isolamento social e sobre quem possui direito a receber o auxílio emergencial criado pelo governo para ajudar a população a enfrentar os primeiros meses da pandemia.

Observemos o exemplo do anúncio oficial do governo federal sobre o auxílio emergencial, a polícia federal já detectava aplicativos e sites criados para realizar a captura de dados antes do lançamento oficial do governo para a realização do cadastro. A falta de conhecimento para reconhecer programas falsos levou mais de 7 milhões de brasileiros a serem no maior golpe financeiro do ano e teve sua disseminação pelas redes sociais.

⁴ **Hoax** é o nome das mensagens alarmistas com conteúdo falso que frequentemente lotam as caixas de e-mails ou invadem as redes sociais e outros sites na Internet.

⁵ **Phishing** é a maneira que cibercriminosos usam para enganar pessoas a revelar informações pessoais, como senhas ou cartão de crédito, CPF e número de contas bancárias. Eles fazem isso enviando e-mails falsos ou direcionando você a websites falsos.

O “coronavoucher”, como foi apelidado o golpe, além dos prejuízos financeiros, possibilita que os criminosos realizem compras pela internet, serviços pagos de SMS, roubo de perfis em redes sociais e e-mail, ou a instalação de um aplicativo malicioso para futuros golpes.

Quadro 3 - É #FAKE que Caixa Econômica bloqueou segunda parcela emergencial de quem se cadastrou para comprar eletrônicos

“A mensagem falsa diz que a medida foi tomada para que seja ajudado "apenas quem realmente precisa". A Caixa informa que não emitiu qualquer comunicado referente a uma eventual fiscalização do uso dos recursos. Em nota, diz que “a lei 13.982/2020, regulamentada pelo decreto 10.316/2020, que instituiu o auxílio emergencial do governo federal, não impõe a forma como o beneficiário deverá utilizar os recursos”. Ou seja, quem gastar com a compra de equipamentos eletrônicos não sofrerá nenhuma sanção”.

Fonte:<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/04/24/e-fake-que-caixa-bloqueou-segunda-parcela-do-auxilio-emergencial-de-quem-se-cadastrou-para-comprar-eletronicos.ghtml>

As de cunho acadêmico apresentavam características simples de *fake news*, a aplicação do nome de um(a) cientista/pesquisador(a) de reputação ilibada a um projeto desconhecido ou a curas milagrosas que não possuem embasamento técnico - científico.

É possível encontrar entre as notícias falsas, pessoas formando teorias, desenvolvendo soluções singelas e práticas, encontrando uma possível cura para a COVID-19 sem ao menos ter realizado testes que embasam o argumento produzido. Muitos desses pseudos cientistas não possuíam formação acadêmica, em suas falas é possível detectar mais suposições do que argumentos.

Quadro 4 - É #FAKE que água tônica seja eficaz contra o novo coronavírus

*[...] “Eu estou comprando água tônica, que tem quinino. Quinino é a base da cloroquina. E isso daqui você pode comprar tanto no supermercado, como eu estou fazendo, quanto na conveniência, no barzinho da esquina. Isso a Globo não te conta”, diz a mulher, identificada como Victoria Peixoto. Em suas redes sociais, ela se autodenomina “ativista política”.
O refrigerante, de fato, tem sulfato de quinina, ou quinino, uma substância que lhe dá o gosto amargo e que possui função antimalárica, tendo sido usada décadas atrás no país em pacientes com a doença. É por isso que se dá a confusão com a cloroquina, remédio que já é utilizado contra a malária há mais de 60 anos e que vem sendo ministrado de forma experimental para conter a Covid-19, sozinho ou combinado com outras drogas.
O pneumologista Rodolfo Fred Behrsin, professor do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, explica, porém, que não há qualquer fundamento na afirmação de que a água tônica combate o novo vírus. “O quinino era um remédio que antigamente era usado para o tratamento da malária. Ocorreu que, devido ao seu uso indiscriminado, as variedades de malária presentes no Brasil ficaram resistentes a ele, e foi necessário substituí-lo pela hidroxicloroquina e pela cloroquina. A gente pode dizer que essas são substâncias ‘parentes’ do quinino, mas são medicamentos diferentes.” [...]*

Fonte:<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/04/16/e-fake-que-agua-tonica-seja-eficaz-contr-o-novo-coronavirus.ghtml>

Por fim, também foi preocupação da pesquisa verificar se os respectivos sites pesquisados fazem menção a fonte científica ou institucional que seja capaz de confirmar ou desmentir a informação checada. Foi possível observar que todos os sites fazem sim referência às fontes de informação. Vejamos a seguir, alguns exemplos de menção às fontes:

O site “**Fato ou Fake**” conta com a participação de equipes de jornalistas do G1, O Globo, Extra, Época, Valor, CBN, GloboNews e TV Globo que monitoram as notícias e mensagens suspeitas compartilhadas em redes sociais. Como metodologia o site usa a transparência das fontes que passa a observar com clareza o caminho da apuração; a transparência da metodologia que observa os fatores que levaram uma notícia ser checada e classificada como fato (verdade) ou fake (falsa), e a transparência das correções no caso de alguma modificação na checagem tenha mudado a publicação original, esta alteração estará identificada na reportagem. O site ainda dá seis dicas para identificar possíveis fakes news, são elas:

1. Desconfie de textos alarmistas
2. Tome cuidado com imagens (manipulação de imagens)
3. Lembre-se que vídeos e áudios podem ser enganosos
4. Consulte as fontes
5. Confira a publicação em um veículo profissional de imprensa
6. Verifique antes de compartilhar

O site **E-farsa**, em sua biografia, explica que tem como objetivo usar a própria internet para desmistificar as histórias que nela circulam. O trabalho de desvendar histórias repercutidas na internet levou o site a virar tema de Trabalho de Conclusão de Cursos (TCCs) em faculdades e fonte de pesquisas primárias para alguns livros (informações não divulgadas no site). O E-farsa foi reconhecido mundialmente, em 2013, como o quarto melhor blog de língua portuguesa pelo site alemão thebobs.com, referendando a confiabilidade da plataforma.

Quadro 5 - É verdade que o cigarro pode curar os pacientes do coronavírus?

A grande maioria das publicações feitas em sites brasileiros surgiu de um estudo francês publicado em 21 de abril de 2020 por três autores intitulado “Uma hipótese nicotínica para COVID-19 com implicações preventivas e terapêuticas”.

*Acontece que, apesar do estudo já ter sido aceito pela revista científica *Compte rendu de l'Académie Académie des Sciences Biologie*, o trabalho ainda é “somente” uma pré-impressão, ou seja, **um estudo que ainda não passou pelas revisões necessárias antes de ser publicado de fato!***

Fonte: <https://www.e-farsas.com/e-verdade-que-o-cigarro-pode-curar-os-pacientes-do-coronavirus.html>

O site **boatos.org** se destina a prestar um serviço ao usuário da internet ao compilar e mostrar as mentiras que percorrem a rede mundial de computadores. A página é construída por três jornalistas que expõem os assuntos que são boatos na internet.

Quadro 6 - Ivermectina é descoberta como a cura contra o coronavírus (Covid-19) #boato

A grande maioria das publicações feitas em sites brasileiros surgiu de um estudo francês publicado em 21 de abril de 2020 por três autores intitulado “Uma hipótese nicotínica para COVID-19 com implicações preventivas e terapêuticas”.

*Acontece que, apesar do estudo já ter sido aceito pela revista científica *Compte rendu de l'Académie des Sciences Biologie*, o trabalho ainda é “somente” uma pré-impressão, ou seja, **um estudo que ainda não passou pelas revisões necessárias antes de ser publicado de fato!***

Fonte: <https://www.boatos.org/saude/ivermectina-descoberta-cura-contracoronavirus-covid-19.html>

Como é possível verificar nos quadros apresentados, todos os sites possuem a preocupação de citar a fonte que validam ou não as notícias veiculadas. Esta postura é que faz toda a diferença na disseminação de informações confiáveis. Importante destacar que tanto pesquisadores, instituições de ensino superior e de pesquisa, entidades de classe, publicações periódicas de cunho acadêmico são consideradas de extrema importância para a elucidação das *Fake News*. As matérias relacionam a pandemia com situações políticas, econômicas, falsas pesquisas científicas e supostas curas milagrosas. O leitor mais bem informado irá perceber as seguintes situações: ataques diretos a pessoas ou instituições, informações exageradas, citações de frases descontextualizadas por pessoas de relevância política, histórica e científica, e pesquisas científicas sem citação da fonte - caso uma fonte de pesquisa seja citada é necessário conferir sua veracidade. Esse tipo de mensagem é encontrado em aplicativos de trocas de mensagem de texto, por facilitar o disparo de mensagem para várias pessoas ao mesmo tempo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar que o quantitativo de *Fake News* está cada vez maior com o apoio das ferramentas tecnológicas que possibilitam a rápida propagação das notícias. A disseminação de *Fake News* em um cenário de pandemia é considerada algo ainda mais grave pois, contribui para a perturbação da ordem, pânico junto à população, automedicação que pode levar inclusive à morte, ofensa e difamação de pessoas públicas ou não, promoção de descrédito de instituições sérias, caos na saúde pública.

No Brasil o Projeto de Lei do Senado nº 246, de 2018 em tramitação no Senado, de acordo com sua ementa, "acrescenta dispositivos à Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014 (Marco Civil da Internet), que estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil, para dispor sobre medidas de combate à divulgação de conteúdos falsos (fake news) ou ofensivos em aplicações de internet." Tal projeto é um avanço na busca por maior severidade na punição dos crimes cibernéticos desta natureza, sendo necessário que a sociedade também se engaje no combate às *Fake News*, seja denunciando, não compartilhando, checando e, também repassando informações verdadeiras que desmintam as *Fake News* publicadas. Para tanto é necessário que existam fontes de informações confiáveis e que profissionais da informação fiquem sempre atentos para colaborar com o bem comum, prezando pela verdade sempre.

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**. v. 31, n. 2, p. 211–236, Spring 2017. Disponível em: <https://pubs.aeaweb.org/doi/pdfplus/10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em: 22 Abr. 2020

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media&Jornalismo**. Coimbra, v.18, n.32, p.155-169, Jan. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/mj/v18n32/v18n32a12.pdf>. Acesso em 22 Abr. 2020

DNIELSON, N. et al. Disponível em: **Novel coronavirus associated with severe respiratory disease: Case definition and public health measures**
<https://www.eurosurveillance.org/content/10.2807/ese.17.39.20282-en> . Acesso em: 21 Abr. 2020

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GROGAN, D. **Science and technology: an introduction to the literature**. 4th.ed. London: C. Bingley, 1982.

LAZER, David M.J. et al The science of fake News. **Science**. v. 359, Edição 6380, p. 1094-1096, Mar. 2018

OLIVEIRA, Sara Mendonça Poubel de. **Disseminação da informação na era das fake News**. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16878/13637>. Acesso em: 22 Abr. 2020

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Declaración conjunta de la UIT y la OMS: Liberando el potencial de la tecnología de la información para derrotar a COVID-19**. Disponível em: <https://www.who.int/es/news-room/detail/20-04-2020-itu-who-joint-statement-unleashing-information-technology-to-defeat-covid-19>. Acesso em: 21 Abr. 2020.

TOBIAS, Mirela Souza; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. O Paradigma social da ciência da informação: o fenômeno da pós-verdade e as fake news nas mídias sociais. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 24, n. 3, p. 560-579, jul./out., 2019. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1529/pdf>. Acesso em: 22 Abr. 2020

ZHOU, Fei et al. **Clinical Course and risk factors for mortality of adult inpatients with COVID-19 in Wuhan, China: a retrospective cohort study**. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140673620305663>. Acesso em: 20 Abr. 2020.